

ENSINAR LITERATURA

Nelson Rodrigues Filho (UERJ)

Resumo: A perspectiva do ensino de literatura nas presenças de Roland Barthes e Guimarães Rosa. Texto literário e processo pluridiscursivo. Representação, mimese e intertextualidade.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Recepção.

Abstract: The perspective of literature teaching in the presence of Roland Barthes and Guimarães Rosa. Literary text and multi-discursive process. Representation, mimesis and intertextuality.

Keywords: Literature; Teaching; Reception.

Ensina-se literatura? Esta pergunta me acompanhou durante anos, como professor e crítico, e até hoje não me abandonou. Não encontro resposta conveniente e, socraticamente, me disponho ao diálogo, acreditando que a verdade nasce entre os homens. Na prática do magistério, muito aprendi e sou submisso às verdades de dois mestres. Um, Roland Barthes, para quem “há uma idade em que se ensina o que se sabe, mas em seguida vem outra idade em que se ensina o que não se sabe”. Ele nos esclarece, ainda, o sentido da sapiência que deve prevalecer em nosso convívio com a literatura e a sua aprendizagem: “nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo sabor possível”. O outro, Guimarães Rosa, nos aponta a uma direção essencial da mestria: “mestre não é quem ensina, mas aquele que, de repente, aprende”.

Creio que o desempenho da docência seja o duplo exercício do ensinar e aprender, em que o professor exerce o papel de motivador da indagação, sustentado pela experiência. Mas indagar – quando, de certa forma, se detém o saber como poder - implica, ao lado da informação, a sabedoria, que nos dá a compreensão de nossa fragilidade e das incertezas que nos levam à dúvida e à permanente indagação sobre a pertinência do nosso objeto e a adequada reflexão.

Ao exercer o magistério, nesta área, algumas cautelas tornam-se essenciais, ao enfrentar-se o texto literário, esta trama rica de múltiplas transparências e sentidos, mas também de perversas ocultações. O passar do discurso ao texto exige uma atenção especial para o processo pluridiscursivo/pluritextual que reúne, em sua constituição, diversos pretextos no movimento dialético leitura-escritura autoral; a envolver “o já-feito, o já-visto, o já-ouvido, o já-lido” (BARTHES, 1973), tratados pela imaginação, o que confere razão à perspicácia de M. Bakhtin quando afirma este que o único discurso original possível seria o adâmico.

Que é o TEXTO senão TECIDO, em latim, *TEXTU* (M), *TEXERE*? E *texere* com que fios senão outros discursos e textos em uma nova realidade de representação, no domínio da metáfora e da mimese (RICOEUR, 1983)? Em intrincado

jogo que, tal como um palimpsesto, pode deixar vestígio de outros textos, reconstituídos ou recontextualizados. Ou será que a *Odisséia* não está parodiada em “Noite de Almirante”? Ou o drama fáustico e o otimismo de *Candide* estão ausentes em *Quincas Borba*? Ou *D. Casmurro* é estranho a *Otelo*? Ou a trama de *Iracema*, com suas personagens, não resulta da leitura do texto bíblico (M. Cavalcante Proença)? Ou, finalmente, no romantismo indianista de Gonçalves Dias, seria absurdo ver afinidade entre a cantiga de amor e a “Canção do Exílio”, ou entre a cantiga de amigo e “Leito das folhas verdes”?

Neste particular, ainda perduram as lições do bruxo do Cosme Velho (ASSIS, 1985): “... pode [o escritor] ir buscar a especiaria alheia, mas há de ser para temperar com o molho de sua fábrica”/ “tiro de cada coisa uma parte e faço o meu ideal de arte, que abraço e defendo”/ “Que a evolução natural das coisas modifique as feições, a parte externa, ninguém jamais negará; mas há alguma coisa que liga, através dos séculos, Homero e Lord Byron, alguma coisa inalterável que fala a todos os homens e a todos os tempos”/ “Voltemos para a realidade, mas excluamos o Realismo, e assim não sacrificaremos a verdade estética”.

Realidade, ficção, tempo, mimese, metáfora, ritmos e imagens, leitura-escritura-leitura, isso vai conviver na utopia

que se deixa mostrar na prática da leitura compartilhada no ensino-aprendizagem a quem “ensina” e a quem aprende, inoculados pela letra, lat. LITTERA.

Ensinar literatura. Quando muito me autorizem a afirmar o que Iser ensina e eu procurei, como professor, transmitir: “é o leitor que acaba a obra”; “a obra escrita é um esboço de leitura: o texto, com efeito, comporta vazios, lacunas, zonas de indeterminação”¹. O que cabe, em última análise, é fazerem juntos, docente e discente, o percurso que leva ao prazer do texto e amplia, por meio da ampliação do limite da linguagem, a significação do limite do mundo. Certos ambos de que, em face da incorporeidade e pluralidade de sentidos de um texto, não podemos esquecer a lição de Paul Valéry, *Il n’y a pas de vrai sens d’un texte*.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de (1985). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar.
- BAKHTIN, Mikhail (2016). *Os gêneros do discurso*. Paulo Bezerra (Trad.). São Paulo: Ed. 34.
- BARTHES, Roland (1973). “Analyse textual d’un conte d’Edgar Poe”. In: ALEXANDRESCU, Sorin et al. *Sémiotique narrative et textuelle*. Paris: Ed du Seuil.
- _____ (1980). *Aula*. São Paulo: Cultrix.
- PROENÇA, M. Cavalcanti (1971). *Estudos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio.

1 Iser, Wolfgang. Citado por RICOEUR, op. cit., p.145-146.

RICOEUR, Paul (1983). *Temps e récit*. Tomo I. Paris: du Seuil.

ROSA, João Guimarães (1967). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Nelson Rodrigues Filho é Mestre em Teoria Literária pela UFRJ; Doutor em Letras pela UFRJ; Professor Adjunto Aposentado de Literatura Brasileira da UERJ e ex-Diretor do Instituto de Letras da UERJ.